



## PRONUNCIAMENTO OFICIAL DO PRESIDENTE JAIR MESSIAS BOLSONARO: ETHOS, LOGOS E PATHOS NA CRISE DO CORONAVÍRUS

Ana Paula Dias Labre (UFT)<sup>1</sup>  
Thiago Barbosa Soares (UFT)<sup>2</sup>  
Damião Francisco Boucher (UFT)<sup>3</sup>

**Resumo:** Neste artigo analisamos uma das várias rede de dizeres acerca da pandemia. Visamos compreender como sujeito e sentidos são afetados pelos efeitos da aceitabilidade discursiva (BOUCHER; SOARES, 2022) quando estes se interseccionam em dois campos distintos aumentando seu potencial argumentativo, a saber, a saúde e a política. Examinamos especificamente a construção do *ethos* discursivo do presidente Jair Messias Bolsonaro, pela seleção lexical apresentada no discurso sobre a crise do coronavírus no Brasil. Para tal percurso discursivo, utilizamos a perspectiva sociointeracionista atravessada pelos ferramentais da Análise do Discurso, especificamente os conceitos de *ethos*, *logos* e *pathos*. A pesquisa tem como corpus os dizeres de Bolsonaro, proferidos no dia 24 de março de 2019, em pronunciamento oficial sobre a covid-19. Após nosso percurso, sopesamos os vários mecanismos linguísticos utilizados no processo de enunciação e como estes fazem funcionar a aceitabilidade discursiva, modelando o *ethos* discursivo do presidente ao inocular os efeitos de carisma, benevolência, simpatia e força.

**Palavras-chave:** Aceitabilidade discursiva. Covid19. Bolsonaro. *Ethos* discursivo. Gripezinha.

**Abstract:** In this article we analyze one of several networks of sayings about the pandemic. We aim to understand how subjects and senses are affected by the effects of discursive acceptability (BOUCHER; SOARES, 2022) when they intersect in two distinct fields, increasing their argumentative potential, namely, health and politics. We specifically examine the construction of the discursive *ethos* of President Jair Messias Bolsonaro, through the lexical selection presented in the speech about the coronavirus crisis in Brazil. For this discursive path, we used the socio-interactionist perspective crossed by Discourse Analysis tools, specifically the concepts of *ethos*, *logos* and *pathos*. The research has as its corpus Bolsonaro's words, uttered on March 24, 2019, in an official pronouncement on covid-19. After our journey, we weighed the various linguistic mechanisms used in the enunciation process and how they work discursive acceptability, modeling the president's discursive ethos by inoculating the effects of benevolence, sympathy and strength.

---

<sup>1</sup> Mestranda em Letras pela Universidade Federal do Tocantins. Pós-graduanda em Terceiro Setor/Sistema S pelo Instituto de Direito Aplicado ao Setor Público- IDASP, Palmas/TO. Especialista em Direito e Processo do Trabalho pelo Centro Universitário Dom Pedro II, Salvador/BA. Graduada em Direito pela Faculdade Serra do Carmo- Palmas/TO. Advogada. Email: [analabreadv@gmail.com](mailto:analabreadv@gmail.com).

<sup>2</sup> É professor nos cursos de graduação em Letras e de pós-graduação stricto sensu em Letras da Universidade Federal do Tocantins no campus de Porto Nacional (UFT) e bolsista de produtividade do CNPq (PQ-2). Graduado em Letras, português/inglês, pela Universidade do Vale do Sapucaí, em Psicologia pela Universidade Paulista e em Filosofia pela Universidade de Franca, especializado em Estudos Literários pela Faculdade Comunitária de Campinas, mestre em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos e doutor em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos. Email: [thiago.soares@mail.uft.edu.br](mailto:thiago.soares@mail.uft.edu.br).

<sup>3</sup> Graduação em Letras português/inglês pela Universidade Federal do Tocantins – UFT (2012), especialização em Análise do Discurso Político e Jurídico (2017) e especialização em Psicologia Junguiana, ambas pela Faculdade Unyleya do Rio de Janeiro. Mestrado no PPGLetras da UFT, campus de Porto Nacional. Email: [boucherplace@gmail.com](mailto:boucherplace@gmail.com).



**Keywords:** Discursive acceptability. Covid19. Bolsonaro. Discursive ethos. Little flu.

## Introdução

Nos últimos meses de 2019, a mídia noticiava o enfrentamento sanitário da China em decorrência da manifestação do coronavírus, em 11 de março de 2020. O Diretor-geral da Organização Mundial da Saúde (OMS), Tedros Adhanom Ghebreyesus<sup>4</sup> OPAS (2020), pronunciou que o mundo estava sendo acometido por uma doença com alto índice de transmissão. Segundo o diretor, a enfermidade afetaria, em maior grau, pessoas do grupo de risco, como os idosos, pessoas com doenças médicas pré-existentes como pressão alta, doenças pulmonares, câncer e diabetes.

Devido à gravidade da situação, e o avanço da enfermidade para outros países, foi decretado pela OMS, estado de calamidade pública, caracterizado como uma pandemia (MANZANO, 2020). Neste cenário, no decorrer de meses de alastramento da pandemia da covid-19, o Brasil até o dia 7 de maio de 2020 (BRASIL, 2020), ainda apontava um balanço oficial do Ministério da Saúde de 9.146 mortes e 135.106 casos confirmados, além de uma curva ascendente da doença.

Neste cenário, no dia 24 de março de 2020, o então presidente do Brasil Jair Messias Bolsonaro, fez o pronunciamento oficial quanto à crise do coronavírus no Brasil. O discurso do presidente causou polêmicas e indignações, se por um lado os militantes de direita apoiavam a posição do presidente, acreditando se tratar de uma “gripezinha” (BRITO, 2020) ou um momento que “brevemente” passaria, conforme os próprios pronunciamentos do presidente, por outro, milhares de famílias já infectadas pelo coronavírus, sofriam o luto por seus familiares, e a incerteza dos dias que se seguiriam.

Nesta senda, trazendo à baila recortes do discurso presidencialista, visamos compreender como sujeitos e sentidos são discursivizados e pelas imagens projetadas, verificar como os discursos de Bolsonaro podem afetar sentidos e angariar adeptos pela via da aceitabilidade discursiva (BOUCHER; SOARES, 2022), efeitos de uma elaboração de escolhas imagéticas e lexicais que permeiam o linguístico e o sócio-histórico. Esses efeitos atravessam

---

<sup>4</sup> A tradução do pronunciamento foi feita pela Representação da Organização Pan-Americana da Saúde/Organização Mundial da Saúde no Brasil a título informativo, não se trata de tradução oficial.



vários campos, provocando muitas vezes a aceitação de dada posição ideológica pela via do cômico, do dramático, do hiperbólico, do eufemístico, entre outros efeitos semiolinguísticos.

Em nossa presente observação, a aceitabilidade discursiva que perfaz dois campos discursivos distintos: o do político e o da saúde, agencia a diametralidade oposta (SOARES, 2021a) das imagens de sujeitos promovendo dentre tantos efeitos a imagem do sujeito carismático (SOARES, 2021b) e, no oposto, o *ethos* do pretencioso, do antipático. Dessa perspectiva, perscrutamos especificamente a construção do *ethos* discursivo do presidente Jair Messias Bolsonaro, pela seleção de itens lexicais que emergem no discurso desse sujeito sobre a crise do coronavírus no Brasil em 2020. Para tanto, utilizamos a perspectiva sociointeracionista, auxiliados ainda pelo ferramental teórico-metodológico da Análise do Discurso, especificamente os conceitos de *ethos*, *logos* e *pathos* (MAINGUENEAU, 2016) e a noção de inimigo externo (CHARAUDEAU, 2016). Nosso objeto de análise se constitui pelos dizeres de Bolsonaro na data supracitada, em pronunciamento oficial sobre a covid-19. Nessa esteira epistemológica, especificamente examinamos a construção do *ethos*, pela seleção lexical apresentada no discurso do presidente que gira entorno do triângulo da dramaturgia política (CHARAUDEAU, 2005, 2008, 2011, 2016) o qual consiste no *logos* (o discurso em si), *ethos* (a imagem que o enunciador cria de si mesmo, em busca da aceitação do seu público), e *pathos* (que é o momento em que o locutor tenta se conectar emocionalmente com o público). Ao fim de nosso percurso discursivo, procuramos sopesar os vários mecanismo linguísticos utilizados no processo de enunciação e como estes fazem funcionar a aceitabilidade discursiva, modelando o *ethos* discursivo do presidente ao inocular os efeitos de carisma, benevolência, simpatia e força.

## 1. Considerações teóricas: *ethos*, *logos* e *pathos*, o triângulo da dramaturgia política

Dominique Maingueneau, linguista e teórico no campo discursivo, desenvolveu alguns conceitos fulcrais que se enfileiram a tantos outros ferramentais da Análise do Discurso de linha francesa. Dentre os estudos do teórico, estão os conceitos e métodos para entender os fenômenos da prática discursiva. Segundo o autor, a noção do *ethos*, traz a associação de traços, valores físicos e psicológicos nas estratégias de enunciados (escritos ou falados).

Para Maingueneau (2016), existem três dimensões na composição do *ethos*, quais sejam: a dimensão categórica, que se refere aos papéis discursivos ou sociais do enunciador; a



dimensão experimental, que se refere às características sociais e psicológicas pré-concebidas (estereótipos/inconsciente coletivo), conceitos conhecidos por ambas as partes ativas em uma enunciação; e a dimensão ideológica, que remete ao posicionamento ideológico do enunciador (esquerda, direita).

Nessa mesma linha epistemológica, Charaudeau (2016, p. 612) trouxe à baila o processo de regulação do *ethos* como identificação; do *pathos* como dramatização e emoção; *logos* racionalização, narrativa e argumentação, elucidando assim que o *ethos*, *pathos* e *logos* cria o objeto de uma “colocação em cena” como sendo o processo de construção do discurso.

Neste sentido, em análise ao discurso do presidente Jair Bolsonaro, quanto à crise do coronavírus, procuraremos compreender o funcionamento desses pressupostos trazidos por Charaudeau (2016), quais sejam: o processo de regulação (*contato e relação*), identificação (*ethos*), dramatização (emoção/*pathos*) e racionalização (narrativa/argumentação/*logos*) na criação de uma aceitabilidade discursiva capaz de desestabilizar sentidos da pandemia como “gripe”, “resfriado” e “contaminação”, trazendo-os para a região de sentido da insignificância.

Dessa última noção de racionalização proposta por Charaudeau (2016) e os efeitos de aceitabilidade discursiva, respeitando os distanciamentos e as aproximações epistemológicas, Boucher e Soares (2022) afirmam que:

Os efeitos da aceitabilidade discursiva, diferentemente da persuasão, conduzem o enunciatário ao convencimento por meio da razão ou por argumentos bem fundados, fazendo-o aceitar uma ideia ou admitir uma representação como realidade (BOUCHER; SOARES, 2022, p. 127).

Nesse sentido, Jair Messias Bolsonaro com seu pronunciamento oficial (UOL, 2020) sobre a crise do coronavírus e a pandemia traz a argumentação de que o país não deveria estagnar em sua economia em decorrência da pandemia, que os estabelecimentos e escolas não deveriam fechar, e que com as ações implementadas pelo governo, não impactaria na economia, produzindo, dessa maneira, efeitos de aceitabilidade pelo silêncio (ORLANDI, 2007) constitutivo, ou melhor, pelo apagamento da gravidade da covid-19.

Sobre esse apagamento, Orlandi (2007) assevera que o silêncio constitutivo faz parte de uma instância mais ampla de natureza sócio-histórica e que é estabelecido pelo caráter fundador do silêncio, ou seja, o real do discurso que permeia o dito e o não-dito. Pertencendo à própria ordem de produção do sentido e presidindo qualquer produção de linguagem, esse apagamento, uma das várias ramificações da política do silêncio, “instala o anti-implícito: se diz ‘x’ para não (deixar) dizer ‘y’” (ORLANDI, 2007, p. 73, aspas da autora), apagando sentidos



inconvenientes que se quer evitar, distanciando seus interlocutores (ouvintes, leitores, etc.) de uma região de sentidos que poderia causar a não aceitabilidade de seus discursos.

Ademais, esse apagamento tem por objetivo o acobertamento de sentidos que poderiam marcar, explicitar os “ruídos ideológicos” os quais entrariam em embate com a formação discursiva do público-alvo e, conseqüentemente os afastariam de sua atividade interpretativa, porquanto, “Quando explícitos, não é incomum muitos sujeitos ser impelidos a não recepcionar (ler, assistir, ouvir etc.) determinadas matérias que hiperbolicamente depreciam seus costumes” (BOUCHER; SOARES, 2022, p. 127).

Ainda sobre a passagem do indivíduo (empírico) para o sujeito (posição) idealizada por Pêcheux (1997), Soares (2018) assevera que a formação discursiva é “uma instância na qual dada formação ideológica caracteriza, por sua vez certa formação social cujas práticas e relações concretas atravessam a vida em sociedade” (SOARES, 2018 p. 117). Segundo o autor:

“A ideologia em seu uso como conflito entre dominantes e os dominados de Marx e Althusser em *Aparelhos ideológicos do estado* é incorporada como o mecanismo discursivo de produzir sentidos. Por meio da formação discursiva, a formação ideológica e a formação social surgem como posições discursivas (SOARES, 2018, p. 117, *itálico do autor*).

Soares (2018) ratifica que os sentidos das palavras se modificam em decorrência das ponderações apresentadas por quem as empregam, ou seja, os efeitos de sentido, são determinados pela maneira que o discurso é empregado. Segundo o autor, “a formação discursiva, mobiliza todo o aparato teórico metodológico da Análise do Discurso. Sobretudo os conceitos de interdiscurso e assujeitamento” (SOARES, 2018 p. 118).

Retomando a noção de formação discursiva que determina aquilo que pode ou não ser dito (PÊCHEUX, 1997) e a aproximando da noção de *ethos*, respeitadas a devida distância epistemológica, os efeitos de aceitabilidade modela a imagem que o enunciador faz de si “nas forjas linguísticas” que determinam as escolhas lexicais de dada formação discursiva. Ao funcionarem, essas “escolhas linguísticas” recriam “a metáfora do espelho”, não na totalidade da perspectiva psicologizante de Lacan (1998), mas na concepção pecheuxtiana na qual o indivíduo interpelado pela ideologia se apresenta na antecipação que é concebida a partir dos jogos de espelhos discursivos.

Esses jogos complexos produzem as imagens-posições do sujeito, tais como: o locutor (quem sou eu para lhe falar assim?), seu interlocutor (quem é ele para me falar assim?) e ainda o objeto do discurso (do que estou lhe falando, do que ele me fala?) (ORLANDI, 2015)



reproduzindo a lógica da identificação com o Outro (LACAN, 1998) e, por conseguinte, a aceitação desses discursos. Nessa mesma perspectiva sobre os jogos que constroem a imagem do sujeito enunciador, Moitinho *et al.* (2020) aduz que “o recurso persuasivo do *ethos* consiste na criação de uma identidade por parte do locutor, a fim de espelhar o que o público deseja ouvir, não necessariamente expressando suas reais intenções, mas sim o que vai fazê-lo vencer uma eleição, por exemplo”. (MOITINHO *et al.*, 2020, p. 53).

Na categorização dos efeitos de sentidos extraídos de uma diametralidade oposta, isto é, “sua negatividade marcadamente linguística que torna diametral a sua positividade” (SOARES, 2021a, p. 98) e que, em uma estruturação mais ampla, ou seja, não no campo enunciativo, mas no âmbito simbólico e sócio-histórico na qual se reproduz as cenas enunciativas, nas interlocuções políticas, essa diametralidade oposta se apresentada através de um conjunto de escolhas lexicais cujos efeitos produzem o *ethos* pretendido, todavia marca também o oposto dessa imagem. Segundo Maingueneau (2005), existe uma categoria denominada *antiethos*, que é o recurso de oposição de imagens. Em um debate eleitoral (AQUINO, ), por exemplo, os candidatos vendem uma imagem de si próprios no sentido de convencer o eleitor, de que é a melhor opção para aquele cargo. Não obstante, mesmo objetivando a desejada conquista, tentam amoldar-se como opostos aos seus adversários, que também estão mostrando a melhor imagem que conseguiram projetar de si mesmos.

Neste contexto, segundo Eduardo (2014), nem sempre o político usa de suas convicções para se pronunciar, é preciso usar recursos de “máscaras” para parecer estar dizendo a verdade. O autor afirma ainda que:

“O candidato ao cargo público tenta em seu discurso impor a sua verdade aos eleitores, apresentando o recurso persuasivo do *ethos*, podendo obter êxito ou não. Ele não trabalha no âmbito da veracidade, mas sim no da verossimilhança, ou seja, do parecer ser verdadeiro, o ator deste discurso se constrói através da desconstrução do outro, num jogo de significações, ou seja, o enunciador necessita que a sua verdade se sobressaia perante os seus adversários políticos, e para isso é necessário um conhecimento prévio dos valores, da ética e do comportamento da sociedade (eleitores) que ele pretende persuadir”. (EDUARDO, 2014, p. 04).

Desse trecho, percebemos que o funcionamento do *ethos* na perspectiva da diametralidade oposta parte do ato enunciativo e perfaz todo o caminho constitutivo colocando em manutenção as formações imaginárias (PÊCHEUX, 1997), isto é, as imagens e posições



sociais dos sujeitos estabelecida através de uma relação de força. Essas imagens são responsáveis pela configuração das posições (discursivas) e, conseqüentemente da distinção (apagamento) de seu lugar (empírico) como indivíduo (ORLANDI, 2015). Esses efeitos que apontam para um “sujeito bom” (de valor, altruísta, carismático, etc.) e em sua diametralidade oposta (SOARES, 2021a), um “sujeito mau” (sem valor, inescrupuloso, antipático, etc.) produzem a aceitabilidade da imagem do enunciador projetada pelo contraste do Outro.

Ainda sobre esse contraste e sua configuração para a aceitabilidade, AMOSSY (2005) destaca que: "O lugar que engendra o *ethos* é o discurso, o *logos* do orador, e esse lugar se mostra apenas mediante as escolhas feitas por ele" (AMOSSY, 2005, p.31). Para a autora, caso o orador queira persuadir seu público, ele deverá utilizar as três características produzidas através do discurso como meios persuasivos.

Charaudeau (2008) diz que a persuasão usada pelo discurso político relaciona-se com a paixão, razão e imagem, constituindo, assim, conforme mencionado pelo autor, o triângulo da dramaturgia política. Após esse percurso teórico-metodológico verificaremos o funcionamento dos efeitos de sentidos que emergem do discurso de Jair Messias Bolsonaro, no dia 24 de março de 2020.

## 2. Análise

Primeiramente em nossa incursão analítica, inicializaremos pelos enunciados do campo intradiscursivo, verificando seu campo estável e seus deslocamentos. Traremos esses enunciados sob a forma de recortes para uma melhor didatização. Após nossa descrição, apontaremos as relações de sentidos existentes entre as manifestações discursivas e o acontecimento central já mencionado. Logo após, rastreamos as marcas que contrastam as formações ideológicas que forma o *ethos* de Jair Messias Bolsonaro, as quais também estão historicamente interconectadas às memórias constitutivas daquilo que mapeamos no campo intradiscursivo.

Para compreendermos em profundidade nosso objeto, é necessário lançar mão das informações acerca das condições de emergência dos dizeres sobre a “gripezinha” e sobre o “resfriadinho”, se valendo do movimento interdiscursivo. Após a explanação acerca da didatização de nosso movimento analítico, trazemos o primeiro recorte de nosso objeto:



[...] Começamos a nos preparar para enfrentar o **coronavírus**, pois sabíamos que mais cedo ou mais tarde **ele chegaria ao Brasil** [...] **Nosso** ministro da Saúde reuniu-se com quase **todos** os secretários de Saúde dos estados para que o planejamento estratégico de combate ao vírus fosse **construído** [...] (UOL, 2020)

Conforme percebemos no trecho do discurso oficial acima, na tentativa de estabelecer a conexão emocional com o público, vemos que o *pathos* cujo objetivo é criar uma conexão com o público através do efeito de preocupação com a situação pandêmica pretende apagar uma formação ideológica historicamente conhecida como anticomunista. Tal característica assemelha ao *logos* do discurso, na qual o presidente fundamenta seu argumento na metáfora do inimigo externo, na “satanização dos culpados” (CHARAUDEAU, 2016, p. 111).

Ora, no enunciado acima, o sintagma nominal “coronavírus” e o verbal “chegaria ao Brasil” marcam respectivamente a intenção do sujeito enunciator em projetar a vinda “do mal”, “da mazela” e de sua origem (fora do Brasil) de uma maneira eufemizada. Ele vem de algum lugar e só podemos compreender o que está silenciado constitutivamente (ORLANDI, 2007) se considerarmos o contexto sócio-histórico da pandemia da covid-19. O sintagma coronavírus reverbera as redes de dizeres sobre a pandemia que apontam como o epicentro dessa pandemia a cidade chinesa de Wuhan, iniciada em dezembro de 2019.

Segundo essas informações “Os doentes tinham em comum o contato prévio com o mercado de Wuhan, conhecido por vender alimentos da cultura local, como animais considerados exóticos para ocidentais” (TOZZI, LOURENÇO et. al., 2023). Se procurarmos estabelecer as relações existentes entre a imagem que Bolsonaro procura projetar de si como o sujeito preocupado (*pathos*) com a situação do país, em contrapartida, na ponta da diametralidade oposta (SOARES, 2021a), sobretudo na amplitude do contexto sócio-histórico, encontramos os “comunistas”, “os chineses”, expressões recorrentes na formação discursiva de Bolsonaro e que agora, de forma eufemística se representam sob a forma do pré-construído “coronavírus”, reforçado “por sua chegada ao Brasil”.

Se por um lado temos um sujeito mau, causador da covid-19 apagado pelas escolhas lexicais que silenciam por exemplo “o vírus chinês” “guerra química”, bacteriológica e radiológica” (FAGUNDES, 2021), sintagmas citados pelo próprio Bolsonaro em outros discursos para identificar o “coronavírus” como intencional, por outro lado, temos o “sujeito bom” sendo projetado em um *ethos* cujo objetivo é reproduzir a imagem de um sujeito



sensibilizado com a situação, causando o efeito da aceitabilidade discursiva (BOUCHER; SOARES, 2022) e “atraindo o ouvinte para que este se convença de que ele está resolvendo tudo, sendo eticamente competente, pois já estava preparado para o enfrentamento da pandemia. Contudo, o presidente não deixa explícito de qual maneira prática iniciou essa preparação para o enfrentamento do coronavírus, nem como o fez.

Ainda sobre o trecho supramencionado, novamente o presidente retoma ao *ethos* de competência ao mencionar o planejamento estratégico, pois, conforme analisamos, o então presidente busca demonstrar uma competência no enfrentamento do problema. Os sintagmas “nosso”, “todos” “construído” procuram estabelecer os efeitos de unidade, totalidade e construção desse planejamento estratégico (*logos*), contudo, não deixa explícito nesse enunciado quais os estados participaram da referida ação, tampouco o teor do planejamento estratégico.

No segundo trecho abaixo, observaremos a construção das projeções de identidade e identificação (*ethos*), o processo de regulação (*contato e relação*), de dramatização (emoção/*pathos*) e de racionalização (narrativa/argumentação/*logos*) na criação de uma aceitabilidade discursiva a qual viabiliza a Jair Bolsonaro a projeção de sentidos da pandemia como “gripe”, “resfriado” e “contaminação”, em uma esfera de sentido da insignificância de efeitos eufemísticos.

[...] No meu caso particular, pelo **meu histórico de atleta**, caso fosse contaminado pelo vírus, não precisaria me preocupar, **nada sentiria** ou seria, quando muito, acometido de **uma gripezinha ou resfriadinho**, como bem disse **aquele conhecido médico daquela conhecida televisão** [...] Devemos, sim, **voltar à normalidade** [...] O que se passa no mundo tem mostrado que o grupo de risco é o das pessoas acima dos 60 anos. Então, **por que fechar escolas?** Raros são os casos fatais **de pessoas sãs**, com menos de 40 anos de idade. **90% de nós não teremos qualquer manifestação caso se contamine** [...] (UOL, 2020).

O trecho supracitado tomou grandes proporções midiáticas no cenário nacional e internacional uma vez que os dizeres do então presidente trouxe, neste trecho específico, um efeito de superioridade, de autocontrole e de aproximação de seus interlocutores ao tentar reproduzir a figura carismática de “um atleta” de alta performance frente à pandemia do covid-19. Sobre esse efeito do carisma, Soares (2021b, p. 61, aspas do autor) destaca que “Ter ou aparentar carisma é um dos possíveis requisitos para se alcançar certas posições no interior do



‘mundo dos negócios’, mais especificamente no universo empresarial”, apesar de seu uso antigamente se restringir aos âmbitos político e religioso.

A partir desses dizeres, especificamente dos sintagmas “nada sentiria”, e “90% de nós”, observamos acionado o *ethos* de virtude, de unidade e inclusão, que segundo Charaudeau, (2017, p. 124), “é uma resposta a expectativas fantasiosas da instância cidadã”. Nessa mesma esteira epistemológica sobre os efeitos fantasiosos, Soares (2021b, p. 62) afirma que “A gênese da conceituação do carisma remonta à confrontação de uma compreensão mágico-religiosa dos laços desenvolvidos entre líder e liderado”. É exatamente essa relação assimétrica que vemos ser construída no trecho “não teremos qualquer manifestação caso se contamine”, porquanto o sujeito enunciador procura estabelecer anteriormente a esse trecho o *logos*, a argumentação de que “Raros são os casos fatais de pessoas sãs” (como ele e seus interlocutores ou seja 90% de nós).

Ora, na formação discursiva de Bolsonaro, o carisma e o discurso messiânico que se despontam recursivamente, criando uma regularidade na qual expressões reconhecidamente difundidas pela mídia tais como “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos”, a citação bíblica de João 8:32 “e conhecereis a verdade e a verdade vos libertará”, entre outras são indícios lexicais que nos permite perceber as regiões de sentidos político e religioso se interseccionando na projeção de um *ethos* aceitável por se aproximar de um dos mais conhecidos líderes religioso, a saber, Jesus Cristo e de um *logos* que exprime seu “saber-conhecer”, marcado por sintagmas estatísticos “60 anos”, “40 anos”, “90% de nós” que denotam “pesquisa” e “estudo”, e funcionam como efeito de autoridade e legitimidade de um “poder-dizer” (CHARAUDEAU, 2016).

Nesse trecho, além de causar efeitos de superioridade marcados pelos sintagmas “atleta”, representação simbólica da saúde, “não teremos qualquer manifestação”, marcador enunciativo de sua natureza intocável (imune), o sujeito procura eufemizar os riscos da pandemia ao afirmar que o coronavírus não passa de “uma gripezinha”.

Observamos dessas expressões e mais especificamente do sintagma “pessoas sãs” a classificação implícita que Bolsonaro faz de si e do outro, elevando seus *ethos* ao rótulo de um sujeito saudável e imune a qualquer doença. Na interdiscursividade, percebemos a operacionalização de uma assimetria, pois mesmo tendo mais de 60 anos e estando na faixa etária do grupo de risco, há uma autoexclusão, porque diferente dos demais, Bolsonaro tem “histórico de atleta”, goza da autoridade, da legitimidade e da potência (CHARAUDEAU,



2016) “quase divina” de ser imune a facadas, ou até mesmo a uma “gripezinha” ou “resfriadinho”.

### Considerações finais

Após nosso percurso analítico, pudemos compreender que o pronunciamento oficial de um chefe de estado em decorrência de assunto de interesse coletivo, deve sobrepor a seus interesses e convicções próprias. Não obstante, da análise de seus dizeres, quanto à crise do coronavírus, pudemos perceber a predominância do *ethos* de competência e de virtude na busca pelo efeito carismático (SOARES, 2021b), em decorrência da formação de uma autoimagem, na qual o presidente institui a si próprio a resistência quanto ao vírus.

À luz da Análise do Discurso, Galinari, (2014), traz à baila que a palavra “retórica” se acha constantemente associada à manipulação, ou seja, a comportamentos discursivos pautados na demagogia, por lidar perigosamente, com emoções, desejos e anseios das subjetividades humanas. Neste contexto emerge o *pathos* do discurso, que conforme o autor sugere, as artimanhas utilizadas no discurso taxadas como retórica têm o condão de elidir erros ou contradições, no intento de persuadir o ouvinte para aquilo que se quer demonstrar, sem que isto seja de fato a realidade.

O pronunciamento do presidente quanto à crise do coronavírus apontado na presente análise, pode ser comparado a tantos outros discursos proferidos como, por exemplo, pronunciado na ONU, no dia 24 de setembro de 2019 em que Bolsonaro projeta o comunismo/socialismo como antonímia do sucesso (BOUCHER; SOARES, 2020); a construção do *ethos* no discurso do Presidente, ocorrido na abertura da 75ª Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas (ONU) no ano de 2020. Na ocasião, segundo MOITINHO *et al.* (2020) a partir da análise de alguns trechos, afirma que:

[...]O Presidente constrói uma imagem que busca demonstrar sua preocupação que, aparentemente, foi ignorada em “Desde o princípio, alertei (...)”. Essa imagem de preocupação remete ao *pathos* no discurso, pois busca sensibilizar o ouvinte para que este se comova quando ele sugere que foi visionário no início da pandemia, mas que não foi ouvido” (MOITINHO *et al.* 2020, p. 60 e 61).

Conforme as autoras MOITINHO *et al.* (2020), “em síntese, o discurso de Bolsonaro na ONU, isoladamente, mostra a predominância dos *ethos* de virtude e competência, bem como, a presença do *pathos*.” Entretanto, as autoras ressaltam a predominância do *ethos* de competência e virtude, escolhidos pelo presidente para sustentar suas próprias convicções, de



um líder carismático (SOARES, 2021b) competente e engajado, conforme ele se auto denomina.

Nesta esteira, é oportuno também lembrar de um pronunciamento mais antigo ainda, proferido pelo presidente Jair Bolsonaro, quando de sua posse presidencial em 2019. Partindo da Análise do Discurso, ancorados no arcabouço teórico de Charaudeau (2011), os autores Soares e Santos (2020), apresentam a análise do *ethos* no discurso político do presidente. Segundo os autores, citando conceitos de Pêcheux (1997) e de Orlandi (2015), afirmam não existir “ingenuidade no dizer ou muito menos que esse é gestado no vazio”.

Soares e Santos (2020), ao analisar os enunciados mais recorrentes, e frequentemente apontados na campanha eleitoral do presidente, os agrupou denominando “Enunciados de Base”, segundo os autores, o discurso do presidente Bolsonaro é construído de: “ escolhas lexicais que passam de uma formação discursiva “branda” ao encontro de argumentos vazios solidificados no senso comum, que se constroem no âmbito da persuasão falaciosa, os diversos *ethos* do presidente são edificados” (SOARES e SANTOS, 2020, p. 65).

Os enunciados de base (EB) apontados por Soares e Santos (2020), em consonância ao discurso do presidente Jair Bolsonaro, são denominados como: de base religiosa, base autorreferencial, planejamento, ética e economia. Segundo os autores, o discurso do presidente consistiu na “construção de um moralismo fundado em valores solidificados, entre outras coisas, na religiosidade” (SOARES e SANTOS, 2020, p. 74).

Diante da análise dos discursos supracitados tanto do ano de 2019 quanto 2020, pudemos perceber que a base de construção do léxico, presente nos dizeres do presidente Jair Bolsonaro, não amoldam ao tempo ou situações, do contrário, a predominância do *Ethos* e *logos* se faz cada vez mais presente no momento em que analisamos os discursos eivados de achismos, longe de uma base científica e teórica e alinhando a um posicionamento ideológico que toma o socialismo como um inimigo do Estado, um inimigo local ou externo (CHARAUDEAU, 2016).

Neste sentido, em análise ao discurso do presidente Jair Bolsonaro, observamos ainda as divergências e inconsistências na construção do *ethos* discursivo, e que tais divergências se dissociarmos do contexto real de pandemia, podem trazer o assujeitamento do discurso apresentado pela mídia, conforme pontuado por SOARES (2018):

A Análise do Discurso é uma teoria da interpretação que por obrigação precisa lançar mão de seus instrumentos para esclarecer a sociedade sobre as relações de força no interior dos discursos. Desse modo esclarecer é essencialmente um dos objetivos da Análise do Discurso. (SOARES, 2018 p. 120).



Diante da perspectiva da formação discursiva de Bolsonaro, percebemos o quanto a sociedade pode ser conduzida e influenciada por discursos autoritários de controle social, mascarados pelo triângulo da dramaturgia política.

Por esse motivo, pondera-se a importância da continuação das pesquisas as quais podem promover uma melhor visada teórico-metodológica e oferecer uma análise mais precisa de determinados funcionamentos discursivos, sobretudo no que diz respeito ao *ethos*, ao *pathos* e ao *logo*, cuja promoção dos efeitos da aceitabilidade discursiva (BOUCHER; SOARES, 2021) afetam sujeitos e sentidos. Por isso a premência em agenciar pesquisas acerca das redes de dizeres sobre a pandemia que projetam o acontecimento como um momento insignificante e exageradamente alarmante, Também, faz-se necessário agenciar pesquisas sobre a diametralidade do enunciado oposto (SOARES, 2021) para compreendermos melhor como os discursos políticos se valem da construção/desconstrução das imagens de si e do outro e de seu entrelaçamento com outros efeitos de silenciamento, sobretudo, no funcionamento dos discursos políticos, porquanto ao analisar tais funcionamentos nesse campo social, observam-se entre a estrutura e o acontecimento do contexto pandêmico, a dinâmica da produção enunciativa de dado sujeito que ora desloca significados para outras regiões de sentidos (da inferioridade, da insignificância, da banalidade), ora apagam o alto grau de risco sanitário de um evento mundial catastrófico na qual uma grande parcela do mundo estava imbuída em combatê-lo com rigor científico.

## Referências

AMOSSY, Ruth (Org.). **Imagens de Si no Discurso**: a construção do ethos. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

AQUINO, Z. G. O.; LUQUES, S. U. Propaganda político-eleitoral – um discurso em busca de legitimidade. **Linha D'Água**, [S. l.], v. 25, n. 2, p. 131-145, 2012. DOI: 10.11606/issn.2236-4242.v25i2p131-145. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/linhadagua/article/view/47718>. Acesso em: 6 mar. 2023.

AQUINO, Z. G. O.; LUQUES, S. U. **Apologia da polêmica**. Trad. Rosalice Botelho, Wakim Souza Pinto [et al]. Coord. da Trad. Mônica Cavalcante. São Paulo, SP: Contexto, 2017.

BOUCHER, Damião Francisco & SOARES, Thiago Barbosa. Socialismo como antonímia do sucesso: os efeitos de sucesso no pronunciamento do presidente Jair Bolsonaro na ONU. **Revista Linguagem**, São Carlos, v.36, jul./dez. 2020, p. 122-143.



BOUCHER, Damião Francisco; SOARES, Thiago Barbosa. Resignificação da pandemia: aceitabilidade no discurso midiático. **Revista DisSoL - Discurso, Sociedade e Linguagem**, 2022. Disponível em: <http://ojs.univas.edu.br/index.php/revistadissol/article/view/920>. Acesso em 05 mar. 2023.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Painel Coronavírus**, 2020. Disponível em: <https://covid.saude.gov.br/>. Acesso em 05 mar. 2023.

BRITO, R. Bolsonaro volta a se referir ao coronavírus como gripezinha, critica governadores e gera reação. **UOL notícias**. 2020 [s.d.] Disponível em: <<https://economia.uol.com.br/noticias/reuters/2020/03/24/bolsonaro-volta-a-se-referir-aocoronavirus-como-gripezinha-e-criticar-governadores-por-restricoes.htm>>. Acesso em 11 de mar. 2021.

CHARAUDEAU, Patrick. Uma análise semiolinguística do texto e do discurso. In: PAULIUKONIS, Maria Aparecida L.; GAVASSI, Sigrid (orgs.). **Da Língua ao Discurso: reflexões para o ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. **Dicionário de Análise do Discurso**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008 p.93.

CHARAUDEAU, Patrick. **Linguagem e discurso: modos de organização**. São Paulo: Contexto, 2009.

CHARAUDEAU, Patrick. Dize-me qual é teu corpus, eu te direi qual é a tua problemática. **Diadorim**, v. 10, dez. 2011.

CHARAUDEAU, Patrick. **A conquista da opinião pública: como o discurso manipula as escolhas políticas**. Trad. Angela M. S. Corrêa. São Paulo: Contexto, 2016.

EDUARDO, Luiz Felipe Melo. As estratégias do discurso político: uma análise de imagens e procedimentos linguísticos. **Palimpsesto**, Rio de Janeiro, n. 19, out. - nov. 2014, p. 459-475.

FAGUNDES, Murilo. Bolsonaro cita “guerra química” e refere-se à China de modo oblíquo. **PODER360**. 2021. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/governo/bolsonaro-cita-guerra-quimica-e-refere-se-a-china-de-modo-obliquo/>. Acesso em: 05 mar. 2023.

GALINARI, M. M. Logos, Ethos e Pathos: “três lados” da mesma moeda. **ALFA: Revista de Linguística**, São Paulo, v. 58, n. 2, 2014. DOI: 10.1590/1981-5794-1405-1. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/5779>. Acesso em: 6 mar. 2023.

LACAN, Jacques. (1998). O estádio do espelho como formador da função do eu. In: J. Lacan, **Escritos**. (V. Ribeiro, trad.; pp. 96-103). Rio de Janeiro: Zahar. (Original publicado em 1966).

MANZANO, Fábio. Doença provocada pelo novo coronavírus é batizada de Covid-19 pela



OMS. Ciência e Saúde **G1.com**. 11/02/2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/ciencia-e-saude/noticia/2020/02/11/oms-da-nome-a-doenca-provocada-pelo-novo-coronavirus-covid-19.ghtml>>. Acesso em 20 fev. 2021.

MAINGUENEAU, Dominique. **Gênese dos discursos**. Trad. Sírio Possenti. Curitiba: Cenas da Enunciação. Curitiba: *Criar* Edições, 2005.

MAINGUENEAU, Dominique. **Discurso literário**. Trad. Adail Sobral. São Paulo: Contexto, 2016.

MOITINHO, MIRANDA B.; DE BRITTO SALLES, S.; NOGUEIRA DE LIMA, C.; GOMES DE PAULA, D. A Pandemia No Discurso Político De Jair Bolsonaro. **Brazilian Journal of Policy and Development** - ISSN: 2675-102X, v. 2, n. 4, p. 47-66, 29 dez. 2020.

ORLANDI, Eni P. **As formas do Silêncio**: no movimento dos sentidos. 6 ed. Campinas, SP: Pontes da Unicamp, 2007.

ORLANDI, Eni P. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. 12ed. Campinas, SP: Pontes Editora, 2015.

OMS afirma que covid-19 é agora caracterizada como pandemia. **Organização Pan-Americana de Saúde- OPAS**. 11 de março de 2020. Disponível em: <[https://www.paho.org/bra/index.php?option=com\\_content&view=article&id=6120:oms-afirma-que-covid-19-e-agora-caracterizada-como-pandemia&Itemid=812](https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=6120:oms-afirma-que-covid-19-e-agora-caracterizada-como-pandemia&Itemid=812)>. Acesso em 20 fev. 2021.

PÊCHEUX, Michel. Análise automática do discurso (AAD-69). In: GADET, F.; HAK, T. (Orgs.). **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux; Organizadores: François Gadet, Tony Hak; tradutores Bethania S. Mariani... [et al.]; 3ª ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1997. p. 61-153.

SOARES Thiago Barbosa. **Percorso linguístico**: conceitos, críticas e apontamentos. Campinas, SP: Pontes Editores, 2018.

SOARES Thiago Barbosa. SANTOS, Maycon Dougllas Vieira dos. (Im)Prováveis Presidentes do Brasil: Uma análise das Imagens de si nos pronunciamentos de posse dos Presidentes Lula e Bolsonaro. **Revista Humanidades e Inovação** v.7, n.24. Out., 2020.

SOARES, Thiago Barbosa. O contraste no discurso do sucesso: a diametralidade discursiva do enunciado “oposto”. **Porto das Letras**, [S. l.], v. 7, n. 1, p. 98–115, 2021a. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/portodasletras/article/view/11300>. Acesso em: 5 mar. 2023.

SOARES, Thiago Barbosa. **O carisma em Soul Goodman**: uma força sem “origens”. In: SOARES, Thiago Barbosa; CRUZ, Mônica da Silva; COITO, Rosilene de Fátima (org.). *Novas fronteiras em Análise do Discurso: objetos outros*. 1 ed. – Campinas, SP: Pontes Editores,



2021b.

UOL. 'Gripezinha': leia a íntegra do pronunciamento de Bolsonaro sobre covid-19. UOL, 2020. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/03/24/leia-o-pronunciamento-do-presidente-jair-bolsonaro-na-integra.htm?cmpid=copiaecola>. Acesso em 05, mar. 2023.

TOZZI, Marcela; LOURENÇO, Ingrid; TOLEDO, Vitor; NASCIMENTO, Mariana Alcantara; ALDERETE, João Rafael Assis; CARVALHO, Ricardo; NARDELLI, Mateus. Você sabe como surgiu o coronavírus sars-cov-2? Coronavírus – **Secretaria de Estado de Minas Gerais**, MG, 2023. Disponível em: <https://coronavirus.saude.mg.gov.br/blog/27-como-surgiu-o-coronavirus#:~:text=J%C3%A1%20o%20novo%20coronav%C3%ADrus%20foi,animais%20considerados%20ex%C3%B3ticos%20para%20ocidentais>. Acesso em 05 mar. 2023.

